

*as mais dispares e difíceis, desde as selvas da Nova Guiné, os gelos das ilhas Aleutas, as areias do Deserto, até as montanhas da Sicília.*

Ora, o General Eurico Dutra, que desde o início da sua administração, quando ainda mal se ensombravam os horizontes internacionais, lançou-se à tarefa de modernizar os nossos armamentos, conduzir a um grau adequado as nossas indústrias bélicas e dar-nos instalações compatíveis com as necessidades decorrentes desses próprios avanços, só poderá receber, com esse estágio na oficina guerreira dos Estados Unidos, os mais fortes estímulos para a continuação da sua obra, agora acelerada e também, em parte, desviada do rumo geral, no sentido de atender aos imperativos do papel ativo assumido pelo Brasil.

O Exército está, pois, em face de condições excepcionais para fortalecer-se, para elevar-se ao nível a que sempre aspirou — o de força efetivamente capaz, sob todos os aspectos, de corresponder à importância da posição internacional que nos toca e tocará, cada vez mais, no quadro dos conflitos mundiais.



# C · A · X · I · A · S

PEDRO AMÉRICO WERNECK

Como o século 17 foi o século de Luiz XIV, e como Voltaire, que tão magnificamente o fixou, foi a alma e a essência do século 18, o século 19, na história pátria, é o século de Caxias.



O porte gigantesco do Pacificador cobre, com a sombra protetora, todo o segundo reinado, e à medida que os fastos do Império diluem-se na noite dos tempos, sua figura se alteia e assume proporções quasi que de lenda.

Há uma correlação, uma consonância, uma intimidade tão estreita entre a glória de Caxias e o esplendor da Monarquia, que as duas cousas se confundem numa só. Dirse-ia que a História timbrou em colocar ao lado das duras provações a que submeteu a estrutura e a unidade do Império, o homem providencial que o haveria de salvar.

A vida de Caxias, na verdade, tingem-se com as cores da predestinação. Vêde-o bem. Estamos no ano da Independência, na Capela Imperial, onde se benzem as primeiras bandeiras brasileiras. A cidade em peso acorre, tonta de liberdade, para assistir a cerimonia soberba. Dentro, o Imperador, o Senado, todos os altos dignatários da corte, o clero, a nobreza, os magistrados. O Brasil está presente, nesse quadro verdadeiramente alegórico, que é a aurora de uma nação.

O Imperador, de joelhos, recebe das mãos do prelado da Igreja o primeiro "auri-verde pendão de minha terra que a brisa do Brasil<sup>o</sup> beija e balança". E' a alma da pátria que pela primeira vez se transubstancia nas dobras daquela bandeira, por entre as cores vivas e sagradas que haveriam de ser, pelos séculos a vir, nossa religião e nosso altar. O Soberano passa a bandeira ao Ministro da Guerra. E êste, solene e ungido, entrega-a a um jovem tenente que se adeanta, do Batalhão do Imperador.

Esse tenente é Luiz Alves de Lima e Silva, futuro duque de Caxias.

A vida inteira de Caxias pôde ser condensada nesse momento fugaz e incrivelmente simbólico, em que recebe das mãos augustas do Imperador a primeira bandeira do Brasil, a bandeira que ele defenderá pelo espaço de um tormentoso meio século de lutas e adversidades, conduzindo-a atravez de todos os parces e de todas as tempestades, com um patriotismo, uma intelligência, uma bravura, uma constância, jamais superados por qualquer outro homem no Brasil.

E' como si no instante supremo se confiassem a Caxias, com aquella primeira bandeira, os destinos da nação que alvorecia.

Ei-lo no desempenho da incomparável missão. Quasi adolescente ainda, está na primeira linha de combatentes, nos cerros históricos, quando "o anjo da morte pálido cosia uma vasta mortalha em Pirajá", e a Glória toma-o desde aí nos braços como a um filho amado. Empunhando aquele mesmo pendão entregue pelo Imperador, marcha à frente do batalhão vitorioso, na entrada triunfal do Exército da Liberdade na capital baiana. No 7 de abril, põe de relevo que a verdadeira bravura é irmã da lealdade. Já na Regência, pouco após, cabe-lhe ainda, em dias de intensa agitação popular, restaurar a ordem na metrópole, e é com alta sabedoria política que o faz. Depois, o Maranhão, Sorocaba, Barbacena, os Farrapos. A anarquia em marcha para a desintegração. E' ainda Caxias que em campanhas memoráveis esmaga a cabeça da hidra e estirpa-lhe o veneno de ódios e ressentimentos. Depois, além da fronteira, o grito de dois povos oprimidos. E Caxias, como um cavaleiro andante do Ideal, bate-se pela liberdade contra a tirânia, e empresta a sua glória à glória do continente. Depois, a audácia do invasor. E Caxias, recebendo em Tuiuti um exército desprovido de recursos e desalentado por recente e grave revez, transforma-o e transfigura-o, como o fizera Bonaparte na primeira campanha da Itália, e escreve com ele, nos anais militares da América, um capítulo portentoso de estratégia e de bravura.

Sua deslumbrante carreira militar é uma escalada luminosa para o Pantheon dos heróis, mas quando todos nele aclamam o gênio da Guerra seu pensamento volta-se para a Paz, e cujos pés, conquistada a vitória, depõe sempre a espada invicta e os louros da batalha.

Bastariam os cenários de Sorocaba e Barbacena para configurar o soldado hábil e destemeroso, mestre exímio na teoria e na ação. Em plano destacado, a rapidez com que se desloca no tabuleiro da luta, máo grado as péssimas vias de comunicação de que dispõe, e que, por vezes, é forçado a improvisar, a feição das necessidades. Cai sempre como um raio sôbre os insurrectos, e quando êstes acordam da surpresa e da temeridade estão vencidos antes mesmo do primeiro embate. Até esses momentos não vacila, não parlamenta, não contemporiza.

Antes, é de uma intransigência ferrea e de uma brutal resolução. A um apelo aflito de Feijó, chefe espiritual dos revoltosos de Sorocaba, responde altivamente que não trata com rebeldes de armas na mão. Em Minas, depois de se construir uma superioridade tática que virtualmente definira a luta a seu favor, ele, que já antes profligára o "espírito da vingança" exercido pelas autoridades federais na repressão do movimento, rejeita o apelo de Melo Franco que o concita a "ser antes o Pacificador do que o Conquistador de Minas", e receioso de uma precipitada clemência imperial, desaconselha ao Soberano qualquer contemplação para com os rebeldes.

Enérgico, ríspido, inabordável antes da vitória, Caxias é a expressão mais nobre da generosidade depois do triunfo. Vencedor em Sorocaba, ordena ao oficial mais alto do seu comando que, como deferência especial, acompanhe Feijó à prisão, e sua influência junto ao Gabinete é toda no sentido de perdão e de esquecimento. Vencedor em Minas, retira as algemas dos prisioneiros e constitue-se seu patrono junto ao Imperador. No seu código de honra militar, não há espaço para temas subalternos. Grande, sempre o foi, na luta. Mas agigantava-se na paz. Não a paz dos consules romanos, mas a que irmana as almas, eleva o homem e constrói para o porvir. Era o ideal de Caxias. E' a sua vida. E' a sua obra.

No Rio Grande do Sul, ele é ao mesmo tempo Presidente da Província e Comandante do Exército Imperial. Dupla missão, de político e militar. Por isso, em sua proclamação inicial exorta os riograndense a que o sigam, porque como no Maranhão, em São Paulo e em Minas, a "Divina Providência dele fizera um instrumento de paz para a terra em que nascera". Palavras textuais, que seriam jatanciosas e fátuas nos lábios de outro homem que não fosse ele. Como um experimentado cabo de guerra, apreende a complexidade da tarefa que lhe é cometida e pesa seus percalços e dificuldades. Sabe que a guerra tem de ser de movimento e surpresa e apresta-se para esse gênero de luta. Porque sua tática, como a dos grandes generais, é ditada pelas circunstâncias que o rodeiam. Recompõe, assim, o seu exército, organiza-lhe o serviço de intendência,

resolve o grave problema da remonta, chama a si Bento Manuel, insufla na tropa a flama da vitória, e inicia a campanha com todos os trunfos na mão. Porongos é o epílogo fatal. Emudece de vez, nos pampas, o tropel das cavalgadas heróicas. Cái a cortina sôbre o último ato da epopéia dos centauros. E eis que resplende como uma estrela polar o gênio de Caxias. Não acredita numa paz imposta pelas armas e é nobre e sábio demais para humilhar os bravos que tombaram. Vencedor, tem a coragem sublime de aceitar todas as condições dos vencidos. Depois de uma luta cruenta que por um decênio assolou uma das mais ricas províncias do Império, semeando a desolação em todos os lares, sôbre as ruínas de campos e cidades, não há a de ódios nem a persistência de rancores. Todos são brasileiros. Sôbre as cochilas verdes, onde tantas vezes a morte galopara a redeas soltas, Caxias celebra a única e a verdadeira paz: a que une os corações.

A guerra só existia para ele como um prólogo da pacificação.

Fixemo-lo no Chaco, e em Itororó, Avaí e Lomas Valentinas. Temos aí algo da travessia dos Alpes e do episódio de Arcole; da astúcia e do brilho de Anibal e dos vôos de aguias de Napoleão. Mas Caxias é mais do que isso, é muito mais do que um general que vence batalhas difíceis. Sôbre a memória de Napoleão e de Anibal cái o pranto da França dilacerada, e de Cartago destruída. Sôbre a glória de Caxias, consolida-se uma Independência, funda-se um Império, une-se uma Pátria.

Na época mais difícil e atormentada de nossa história, ele foi o bastião da autoridade e o escudo do regimen. Sob o pálido luminoso de suas vitórias, o Império marchou para o seu destino histórico. Entre Pedro I e Pedro II, foi o verdadeiro Defensor Perpetuo do Brasil.

E' o patrono do Exército Nacional, a mais alta expressão de suas virtudes militares, o nosso maior general e um dos grandes cidadãos da Humanidade.

Nossa unidade não é, evidentemente, obra exclusiva sua. Mas o que é indiscutível é que quando essa unidade mais periclitava, quando o paroxismo das revoltas e das sedições atingia

no país o apice de sua curva e o Império baqueava frente à provação suprema, foi Caxias que preservou essa unidade, a unidade simbolizada naquela bandeira recebida na Capela Imperial, a primeira bandeira do Brasil, que ele carregou aos ombros a vida inteira, protegida por sua espada, para que, amainados os vendavais e desfeita a borrasca, ela drapejasse ao vento, vitoriosa e respeitada no anfiteatro das nações. Dele se pode dizer, com mais acerto, o que de Silveira Martins disse Nabuco: foi o Samsão do Império.

Evocando Victor Hugo, eu diria que Caxias não é um Soldado. E' o Soldado. O Soldado na sua mais bela, mais forte e mais nobre acepção. Plutarco, se hoje volvesse os olhos para a história, para enriquecer sua galeria de varões, por certo que destacaria o vulto dêsse guerreiro illustre e magnanismo, que forjou nos campos de batalha a união indissolúvel de seu povo. E o imenso Carlyle, que encontrava no culto dos heróis a solução derradeira para todas as grandes inquietações morais, sociais e políticas que afligem a humanidade, sem dúvida inscreveria, na esplêndida constelação dos seus gigantes, o nome glorioso do Pacificador.

